



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

NOSSAS PRÁTICAS, NOSSOS DESAFIOS: A GEOGRAFIA DO CUSTO ZERO EM SALA DE AULA

**Leonardo Pinto dos Santos, Professor da rede estadual do Rio Grande do Sul e
mestrando em Geografia da UFRGS**

Bruno Maciel Peres, mestrando em Geografia da UFRGS

Victória Sabbado Menezes, mestranda em Geografia da UFRGS

**Orientadora: Roselane Zordan Costella, Professora da Faculdade de Educação da
UFRGS**

RESUMO: O seguinte trabalho parte da ideia de dar ao aluno a possibilidade de ser autor e ator dentro do processo de aprendizagem a partir de uma “Geografia do custo zero”. As práticas do “um minuto” e “viajando no mapa-múndi” são baseadas nas pesquisas de Castrogiovanni (2012) e Kaercher (2007) e foram desenvolvidas dentro de turmas do sexto ao nono ano do ensino fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental Coronel Vicente Freire em Canoas. Dentro da perspectiva destas práticas, se pensa a partir de sem custo monetário para o docente (“Geografia do custo zero”) à possibilidade de o discente ter voz no ambiente escolar, tirando-o de sua zona de conforto do professor dono da palavra e o estudante o mero ouvinte, para um movimento onde o educador escuta e aprende com a fala dos seus alunos e alunas, onde ele se insere como um elemento desequilibrador dentro do diálogo.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Geografia do custo zero; Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

Nos palcos da academia sempre escutamos a discussão sobre a falta de infraestrutura da escola pública e da dificuldade latente que professores e professoras têm em desenvolverem práticas pedagógicas por falta dos mais distintos recursos.

Nesse contexto é que pensamos em explanar algumas atividades sem custo material para as instituições escolares e para o próprio docente, atividades que Kaercher (2009, p.10) chamou de “Geografia do custo zero”:

[...] porque não implicam em gastos extras nem tampouco recursos tecnológicos (nada contra eles, mas no geral não estão muito disponíveis nas escolas públicas do meu estado, da minha cidade). Uma simples folha xerocada e já temos, muitas vezes, matéria-prima para belas discussões e produções. O diferencial não é o computador, é dar o ‘clique’ na turma.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

A partir de práticas dentro deste contexto de “sem custo” a importância em nossas reflexões não é o material em si, mas as reflexões despertadas tanto nos professores como nos nossos educandos, tendo neste ínterim uma gama de momentos para que nós como educadores possamos desequilibrar nossos alunos para que estes reflitam sobre o que estão vendo e compartilhando com seus colegas.

As práticas presentes no escopo deste artigo buscam também demonstrar para os discentes que por mais singulares que possam ser, existem dificuldades, sonhos, gostos e emoções que partilham com colegas que normalmente não são os de suas “tribos” ou os seus famosos “grupinhos”, além de compartilhar a cultura e saberes do nosso alunado para com nós educadores.

Estruturamos nosso texto em duas etapas que se complementam, na primeira parte faremos uma breve introdução sobre o ensino de Geografia e trazemos algumas reflexões teórico-metodológicas que estamos partilhando dentro do programa de pós-graduação em Geografia no âmbito das discussões da linha de pesquisa em ensino de Geografia. Na segunda etapa montaremos a metodologia das atividades do “um minuto” e “viajando no mapa-múndi” e por fim alguns resultados que conseguimos com essas práticas dentro de turmas do sexto ao nono ano do ensino fundamental.

METODOLOGIA

Nas salas de aulas, os professores de Geografia cada vez mais observam que os estudantes que ingressam tanto no Ensino Fundamental e mesmo aqueles que estão no Ensino Médio demonstram fragilidades com relação aos conhecimentos geográficos ou em outros casos um certo descontentamento quando se remetem às aulas de Geografia.

Além dessa constatação, podemos inferir, com o cuidado de evitar generalizações, que a Geografia, enquanto componente curricular encontra dificuldades de atingir seus objetivos na Educação Básica.

Dentre outras manifestações dessa afirmativa podemos apontar o “analfabetismo cartográfico” e por que não dizer geográfico. Longe de apontar culpados nesse processo de ensino-aprendizagem, queremos ressaltar a importância do papel do professor como elemento desequilibrador.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Com isso a abordagem metodológica e os procedimentos utilizados em sala de aula repercutem na aprendizagem dos estudantes, e dentro destas abordagens até certo ponto simples (simples no fator material e não de poder de reflexão) podemos aproveitar as situações que surgem para a todo momento tirar o aluno do prumo, levando com que o mesmo reflita e construa conhecimento.

Na primeira prática trazida no trabalho, nos remetemos ao momento da sala de aula onde o discente é o “dono da palavra”, ele é incentivado no início de cada aula de Geografia ir até a frente da turma e expor durante um a cinco minutos um livro, um filme, uma banda ou um jogo de videogame ou computador que tenha marcado sua vida ou que eles considerem que valia a pena seus colegas conhecerem para lerem determinado livro, escutar certa banda, jogar o jogo A ou o B ou assistir o filme.

O bom seria dividir a turma durante o trimestre ou semestre de acordo com o tamanho da mesma. No nosso caso colocamos a cada semana dois estudantes para exporem de forma individual seguindo a ordem da chamada, fazendo com que estes dois discentes sejam os responsáveis pela exposição tendo que escolher um dos itens citados acima.

Ressaltando que o livro, o filme, a banda ou o jogo não precisa estar atrelado a nada geográfico, o importante seja que esses itens façam parte do cotidiano dos jovens com que dialogamos diariamente na sala de aula, mas que muitas vezes pouco conhecemos seus gostos e escolhas. A “geograficidade” dada parte do poder de relação do professor, que pelo que constatamos consegue uma série de momentos para desequilibrar o aluno, fazê-lo refletir juntamente com seus colegas de sala de aula.

Essa é uma atividade muito proveitosa que não leva nenhum material além da própria criatividade dos nossos educandos. Essa prática deriva dos escritos de Castrogiovanni (2012) e Kaercher (2007).

Kaercher (2007, p.30) sobre está atividade fala que ela “serve para qualquer faixa etária ou série e visa, basicamente, a fazer com que eles assumam sua palavra, que tragam assuntos de seu interesse, que se exponham, que “saiam da toca” do comodismo de serem meros ouvintes”.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Podemos adiantar que as surpresas com esse momento de saída da zona do conforto dos nossos alunos e alunas foram muitas e traremos algumas na parte conclusiva do trabalho.

Certamente você professor de Geografia, ou História, Matemática ou Português, qualquer que seja sua área do conhecimento, terá um horizonte de expectativa superado muitas vezes a partir desta atividade que até certo ponto parece ser simplória.

O importante não é facilitar muito para o aluno, então temos que dialogar com eles para que não somente contem a história do livro, mas, por exemplo, porque deste livro marcou sua vida? Qual a razão para que os seus colegas assistam este filme e não o filme B?

Lembrando que não é importante que o educador tenha necessariamente lido o livro, assistido o filme, jogado o jogo ou conheça a banda trazida pelos educandos, basta que fiquemos atentos à fala e a partir dela consigamos criar uma série de relações não somente com o conteúdo geográfico, mas com o próprio cotidiano dos jovens e também com o que está sendo vinculado na mídia.

Paulo Freire (2011, p.111) em diversos escritos seus ressalta a importância do educador ouvir seus iguais que transitam principalmente pelo ambiente escolar:

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele.

Ainda Freire (2011, p.119-120) nos traz esse belo escrito sobre o mal que podemos fazer ao não respeitar a leitura de mundo do discente, leitura esta que acreditamos ser inacessível se não dermos a chance do próprio aluno e aluna de serem os atores principais nos palcos escolares.

Sem bater fisicamente no educando o professor pode golpeá-lo, impor-lhe desgostos e prejudicá-lo no processo de sua aprendizagem. A resistência do professor, por exemplo, em respeitar a “leitura de mundo” com que o educando chega à escola [...] se constitui um obstáculo à sua experiência de conhecimento. Respeitar a “leitura de mundo” do educando [...], saber escutá-lo, não significa, já deixei isto claro, concordar com ela, a leitura de mundo, ou a ela se acomodar, assumindo-a como sua. Respeitar a leitura de mundo do educando não é também um jogo tático com que o educador ou educadora procura tornar-se simpático ao educando.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

A atividade do “um minuto” pode ser adaptada facilmente a sua realidade professor e professora, pode-se levar aos alunos que falem sobre uma figura pública que lhes chama atenção ou sobre um país ou região que sonham conhecer, o importante mais uma vez destacamos, é o poder desequilibrador nosso enquanto educador frente as situações trazidas.

Piaget (1982, p.08), esclarece que: “sem dúvida, uma manifestação espontânea da criança vale mais que todos os interrogatórios”. É seguindo nesse caminho que pensamos no diálogo como égide do embate entre a educação que queremos e a educação conservadora e positivista que domina a maioria de nossos ambientes escolares, vendo assim, a voz juvenil ecoando pelos áridos palcos das salas de aula, reverberando como o som do mais belo sino e adentrando nossos ouvidos de educador como as poesias de Fernando Pessoa e as palavras do gênio Guimarães Rosa.

A segunda atividade que desenvolvemos neste trabalho é “viajando no mapa-múndi”, que desde o início parte do ideário do mapa dentro da aula de Geografia.

Quando falamos em Geografia o termo mapa vem logo a nossa cabeça (e dos nossos estudantes também!), Callai (1999, p.60) traz que “ao serem solicitados [...] a “citar” cinco palavras que lhe vem à cabeça quando se fala de Geografia, individualmente a palavra MAPA é a que mais aparece. Geografia, para muitos, tem sido, portanto, sinônimo de mapa”.

Mas se formos parar para refletir a nossa própria docência, onde estão os mapas tão representativos de nossa ciência?

Os produtor cartográficos permeiam nosso cotidiano (observe as paredes de bibliotecas, escritórios, bancos, prédios, casas...eles estão lá, eu garanto!), mesmo assim eles não são devidamente interpretados como deveriam, muitas vezes permanecem inexistente em aulas de Geografia (dá para acreditar!).

Por sua vez, o desenvolvimento da linguagem gráfica torna-se importante desde o início da escolaridade, porque contribui não apenas para que os alunos venham a compreender e a utilizar os mapas, como também para que desenvolvam habilidades e capacidades relativas à representação e leitura do espaço geográfico.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Chegar a um lugar desconhecido utilizando um mapa, ou consultar o guia de ruas para traçar um bom caminho, é uma tortura para muita gente. Embora essas ações pareçam banais, realizá-las com desenvoltura requer uma série de conhecimentos que só são adquiridos num processo de alfabetização diferente. Ele não envolve letras, palavras e pontuação, mas linhas, cores e formas. É a aprendizagem da linguagem cartográfica.

Indo neste encontro é que pensamos sempre no mapa dentro do ambiente escolar, mesmo que não vamos utilizá-lo, levamos para a sala para que o discente se acostume a ele, não o veja como um objeto estranho ao espaço escolar.

Nessa atividade vemos uma grande participação, principalmente dos mais novos, ela proporciona uma certa bagunça, se possível vale a pena aplicar usando espaços fora da sala de aula como o pátio da escola (claro que se não formos atrapalhar as aulas dos outros colegas professores).

A metodologia segue uma série de etapas que são simples: primeiro fornecemos folhas de ofício com o nome de vinte países, ou mesmo, escrevemos os nomes no quadro se estivermos dentro da sala de aula, depois dividimos a turma em duas ou três colunas dependendo o tamanho da turma, cada coluna fica com uma relação de vinte nações mundiais e pronto.

Recomendamos dividir a turma pela chamada, um ao dez, onze ao vinte e um e por assim adiante. Isto evita as famosas “panelinhas” e economiza o tempo de organização dos estudantes em grupos.

No momento de iniciar a atividade, é aconselhável deixar as colunas de alunos afastados de onde está localizado o mapa-múndi onde eles devem localizar as nações, primeiro: para evitar colas; segundo: para evitar que mais de uma pessoa por grupo esteja ao redor do mapa; terceiro fica mais fácil para controlar o resto da turma que sempre existe um grupo que quer se dispersar para conversar ou mexer em celulares.

Como Kaercher (2007, p.19) traz: “o resultado é um caos!”

Mas vale a pena pela participação ser massiva pelo espírito competitivo de querer achar os países mais rápido que o outro grupo. Garanto que vamos ver momentos engraçados.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Tanto a atividade do “um minuto” como a “viagem pelo mapa-múndi” vem tirar o aluno do seu comum, a primeira prática faz com que suas vozes sejam ouvidas, a segunda leva os alunos a se movimentarem, o que os tira da monotonia de ficarem sentados tentando memorizar os afluentes da margem esquerda do Rio Amazonas.

CONCLUSÃO

As potencialidades com estas duas atividades são diversas, o aluno sai completamente de sua zona de conforto na sala de aula e ainda conseguimos aprender sobre o contexto cultural desses discentes com quem dialogamos diariamente, e por fim, compreendemos que visão eles possuem sobre os mapas, como é sua orientação e seu senso de localização.

Compartilhamos o pensar sobre o ensino com Costella; Schäffer (2012, p.41), por isso de buscarmos em atividades que não são de forma alguma uma mudança metodológica do ensino geográfico, não é a invenção da roda, mas é uma forma de fazer-se ouvir os estudantes e colocá-los em movimento dentro da aula de Geografia.

Ensinar Geografia é mais do que informar sobre acontecimentos. É possibilitar que os alunos os compreendam, os contextualizem espacial e temporalmente e, a partir daí, ampliem condições para inferir outras interpretações, independentemente do espaço estudado.

Na atividade do “um minuto”, por exemplo, ficamos sabendo que uma aluna do sétimo ano é escritora de crônicas belíssimas, isto se deu por ela ter trazido para apresentação sua própria obra. Como saberíamos isso se não deixássemos a voz desta aluna ressonar pelas paredes da sala de aula? Talvez ficaríamos sabendo, mas demoraria um tempo mais longo com certeza.

Outra associação interessante que conseguimos realizar foi com um aluno do oitavo ano que apresentou 1984 do George Orwell. Ligamos a obra com o reality show big brother que se originou a partir de um holandês que tirou a ideia da vigilância vinte e quatro horas de um grupo de pessoas da obra de Orwell, o que nos levou até a discussão sobre a Holanda, sobre os países baixos e sobre o continente europeu. Uma ideia vai se ligando em outra o que gera momentos de discussão construtiva que prende a atenção dos discentes.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Poderíamos seguir citando dezenas de exemplos, mas esse não é o nosso intuito neste momento, além da clara ilação de pontos que podemos realizar a partir das falas dos alunos e alunas temos um momento de aprendizado do horizonte do dia-a-dia destes jovens. Dentro da sala de aula escutamos nomes de bandas que não conhecíamos, de jogos que não sabíamos que existiam e por meio disso vamos construindo pontes entre o cotidiano e o conteúdo presente nos currículos escolares, o que torna o aprendizado mais significativo por parte do educando.

Já com o mapa-múndi observamos como os discentes conseguem se localizar nos produtos cartográficos, esse fator se torna de suma importância para um professor de Geografia para o decorrer dos conteúdos. Uma vez que, precisamos ensinar o continente europeu e africano, por exemplo, e trazemos para a discussão alguns países, precisamos perceber se esse nosso aluno possui um mínimo de senso de espacialidade e consegue se remeter quando falamos de um país, onde este mesmo país se encontra no globo terrestre.

Como bem colocado por Costella (2008, p.90): “conhecer o que o aluno compreende do espaço é fundamental para falar sobre espaço para esse aluno”.

É impressionante que os alunos em sua totalidade, do sexto ao nono ano acreditam que a Jamaica se localiza no continente africano. Além desse ponto eles geralmente travavam em países como Suriname, Nicarágua e Guiana onde achavam que ficavam localizados na Ásia, ou ainda travavam na Jamaica e Papua Nova Guiné que juravam fielmente que se localizava na África.

A partir do mapa-múndi conseguimos discutir a questão da orientação, tendo a rosa-dos-ventos como instrumento principal. Com os educandos em suas classes fomos discutindo quem estava nos pontos cardeais e colaterais, por exemplo, o aluno A está onde em relação ao aluno B? Esse diálogo com os discentes nos auxilia a minimizar a abstração presente no âmbito das formas de se orientar.

Reflexões sobre a legenda vieram à tona também, discutimos formas de como se representaria certos elementos da superfície terrestre como o relevo e a vegetação, além de símbolos convencionais como uma torre de petróleo que representa as reservas



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

petrolíferas mundiais, e quando colocamos o símbolo no quadro pedimos o que vem a mente quando pensamos em petróleo, o que gera uma nova e bela discussão.

No geral a primeira palavra que nos chega é dinheiro, depois surgem termos como gasolina, plástico, pré-sal, poluição, Petrobras, conflitos entre outros. A partir destas ilações podemos gerar um diálogo construtivo interessante, além de dar voz aos alunos exporem o que possuem de simbólico quando trazemos para a discussão uma série de conceitos e temas.

Por fim, percebemos que práticas pedagógicas como do “um minuto” e “viajando pelo mapa-múndi” concatenam em sua essência uma potencialidade para discussões geográficas a um custo monetário zero, não precisamos de mais nada do que um mapa-múndi e da criatividade dos nossos alunos e alunas, sendo que são práticas possíveis de serem realizadas em diferentes faixas etárias, respeitando sempre o aprofundamento das discussões é claro.

Com isso conseguimos construir ao mesmo tempo uma “Geografia do custo zero” e uma Geografia mais interessante e significativa, e somando a isto alcançamos uma participação maior dos estudantes que se acostumam a se acomodarem nos períodos letivos esperando pelo sinal que lhes indica que podem ir para casa e não nos retorna no diálogo, e sem diálogo a aprendizagem é inexistente.

Como bem colocado por Kaercher (2012, p.118):

[...] às vezes propomos a aula em “FM”, e eles a entendem em “AM” (ou vice-versa): não há má vontade de nenhuma parte, mas, simplesmente, não nos entendem, não há comunicação, não há diálogo. E, sem isso, como haver ato educativo? Sem diálogo, há apenas repasse de informações. O que é pouco!

O ensino pautado unicamente no repasse da informação não é o que queremos, é o que você quer professor e professora? Acredito que não, por isso precisamos continuar ouvindo nossos educandos, precisamos continuar aprendendo com eles, precisamos acreditar neles, precisamos continuar a confiar na educação básica mesmo que nos levem a desacreditá-la.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

REFERENCIAIS

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia no Ensino Médio. In: **Terra Livre**. São Paulo: nº 14, 1999. p.56-89.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 10. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

COSTELLA, Roselane Zordan. **O significado da construção do conhecimento geográfico gerado por vivências e por representações espaciais**. 2008. 202 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

COSTELLA, Roselane Zordan; SCHÄFFER, Neiva Otero. **A Geografia em projetos curriculares: ler o lugar e compreender o mundo**. Erechim: Edelbra, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

KAERCHER, Nestor André. Práticas geográficas para ler e pensar o mundo, convergentes e descobertas com o outro e entendendo a si mesmo. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia: práticas pedagógicas para o Ensino Médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p.15-33.

_____. Ser docente, ser discente: modelos e identidades. Conhece e revela-te estudando a cidade. In: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 12., 2009, Montevideo, *Anais...* Montevideo: Universidad de la República, 2009. Disponível em: <<http://egal2009.easyplanners.info>>

_____. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em Geografia para além do livro didático. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 10.ed. Porto Alegre: Mediação, 2012. p.115-143

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.